

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

É muito comum a indagação: “Para que serve a Filosofia, tira-se algum proveito dela?”

A primeira resposta é positiva: sem nenhuma dúvida, tira-se proveito da filosofia. Ela alarga-nos a compreensão da vida e do mundo e mostra-nos que há centenas de questões que mal formulávamos, ou as tínhamos confusamente na cabeça, e já foram propostas inteligentemente pelos filósofos, que lhes deram respostas satisfatórias ou contraditórias.

De qualquer maneira, recuando até Sócrates, Platão, Aristóteles, e toda aquela gente indagativa da Grécia, continuando pelos séculos afora, chegando a Descartes, Locke, Hume, Berkeley, Leibniz, Schopenhauer, Kant, Hegel, Nietzsche, até os modernos ou contemporâneos, sem olvidar Ortega y Gasset, cada um deles nos oferece uma visão do mundo e do homem e, se se negam uns aos outros, numa controvérsia interminável, nos propõem, de algum modo, uma parcela da verdade. Além disso, a filosofia não é apenas um achar, mas um procurar.

A segunda resposta instaura a dúvida: Com tantas respostas que se contradizem, na complexidade de uma disciplina que não tem fim, podemos cair na perplexidade, ou na angústia existencial.

De um modo ou de outro, a Filosofia é um exercício de inteligência, e já dizia Pascal que o homem foi feito para pensar. E aqui se arredaria tudo o que não nos fosse comunicado pela razão, pelo raciocínio, admitindo-se somente o

auxílio dos nossos sentidos que veem, apalpam, cheiram as coisas, ouvem, e nos transmitem para que as analisemos.

A Filosofia não apela para a fé, para a revelação divina, embora também as discuta. Ela toca em todas as crenças, para resolver se elas têm o cunho da verdade, ou são simplesmente fantasias da imaginação. Será o conhecimento pelas causas.

Ao lado daquela multidão de filósofos há ainda os que os explicam, nos ensinam, interpretam, e os situam no tempo, no conhecimento científico em que viveu cada um deles, alertando-nos para eventuais equívocos e erros em que incorreram, exatamente porque a sua época não lhes forneceu os instrumentos convenientes para a elaboração do seu pensamento e pesquisa.

A meu ver, nessa categoria estão os chamados filósofos brasileiros contemporâneos, Leandro Karnal, Mario Sergio Cortella, Clóvis de Barros Filho, Djamila Ribeiro, Viviane Mosé, Luiz Felipe Pondé, Marilena Chauí, entre outros. Apesar do respeito e da admiração que tenho pela maioria deles, não são verdadeiramente filósofos, porquanto nenhum tem contribuição original e de impacto no âmbito da Filosofia. O que dizer então do farsante Olavo de Carvalho? Talvez, ele tenha sido um grande “coach”, fazendo multidões de seguidores se imaginarem intelectuais, criando o inepto orgulhoso de si.

A filosofia é um fazer-se, o pensamento pensa sobre o próprio pensamento. Toda a filosofia é uma metafísica, quer queiram, quer não, e as suas divisões, a ética, a psicologia e outras, são personagens suspeitas de uma novela policial. No começo está um vivo, logo mais um morto e no fim um vivo que é morto pelo investigador que o descobriu.

Quem se aborrece com a Filosofia, ou a arreda de si (“primo vivere, deinde philosophari”), já está filosofando. Posto inarredavelmente num mundo em que parece reinar a incongruência, o homem procura antes sobreviver, achar o alimento, o abrigo, a segurança, e a contemplação exterior ou íntima.

Pois bem: a filosofia é uma contemplação; não, porém uma contemplação inerte, e sim uma contemplação ativa. Ela quer explicações e explicar-se a si mesma. Daí também decorre que a Filosofia é sobretudo um conhecimento do qual nascem as leis que buscam encontrar a harmonia do universo. Saber, eis a questão, não somente o saber prático, mas sobretudo o saber teórico.

As perguntas fundamentais repetem-se: Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde eu vou?

As muitas escolas, as muitas doutrinas ou sistemas dos filósofos dependem obviamente da época em que viveram, da história, e do grau de conhecimento científico que então se tinha. Todavia, os filósofos não agem como os cientistas; digamos que o conhecimento científico é apenas o bordão em que se arrimam. Porque a filosofia vai além da ciência. Inafastável também é o temperamento de cada um. O filósofo age no meio em que está inserido, e reage contra ele. Não é, contudo, um homem de ação. Não está aquém nem além do bem e do mal. Antes reflete sobre eles, para os explicar, ou entender.

Se a Filosofia ensina a viver, também ensina a morrer.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado